

Entrevista com José Soeiro para o «Alentejo Popular»

0. Que balanço faz, de um modo geral, dos trabalhos do XVII Congresso do PCP, que acaba de realizar-se em Almada?

Um balanço muito positivo. Creio que quem acompanhou o XVII Congresso sem ideias preconcebidas pôde testemunhar que o PCP constitui um Partido singular na sociedade portuguesa, um grande colectivo de homens e mulheres, preocupados em ampliar as liberdades e aprofundar a democracia, que intervêm na sociedade, seja nas lutas, seja nas instituições, com uma única preocupação: a defesa dos legítimos interesses dos trabalhadores, do povo e do País.

1. A imprensa tem sublinhado que o PCP sai mais fraco (pelo menos eleitoralmente e em termos de influência na sociedade) depois destes 12 anos de liderança de Carlos Carvalhas. Como avalia o trajecto do PCP nestes anos?

Desde logo deixar claro que é um grosseiro erro de avaliação fazer de qualquer figura do PCP a causa dos bons ou maus resultados eleitorais do Partido, a causa da maior ou menor influência do PCP na sociedade portuguesa. Isto vale para o passado e vale para o futuro. Erro grosseiro é igualmente avaliar o papel que o PCP desempenha na sociedade portuguesa apenas através da frieza dos números dos resultados eleitorais. O PCP viu dificultada a sua acção e reduzida a sua capacidade atractiva em resultado das profundas e negativas alterações que se verificaram na correlação de forças, a favor do grande capital, em Portugal e no Mundo. O avanço da contra-revolução em Portugal pela acção concertada do PS, PSD e PP, com a liquidação de algumas das mais importantes conquistas de Abril e a regressão do regime democrático de Abril, e as derrotas sofridas no Leste Europeu, com o fracasso de um modelo, cujas causas importa aprofundar mas cujas consequências negativas para os trabalhadores e para os povos de todo o mundo, estão cada vez mais à vista de todos, confrontou o Partido com a necessidade de dar combate a uma ofensiva sem paralelo, desenvolvida contra o PCP e o seu ideal comunista, pelos mais diversos meios ao dispor dos defensores do capitalismo, com particular destaque para os grandes meios da comunicação social cuja influência na formação da opinião pública é por todos reconhecida.

2. A mudança de secretário-geral do PCP tem algum significado em termos de eventual alteração da estratégia ou de orientação política do PCP?

A estratégia do PCP para Portugal está consubstanciada no seu programa, “Uma Democracia Avançada no Limiar do Século XXI”, infelizmente muito pouco conhecido dos portugueses. O programa como é sabido não esteve em debate neste Congresso por se considerar que no essencial mantém a sua actualidade.

No plano imediato a preocupação do PCP é a mesma dos últimos 28 anos: derrotar a política de direita que o PSD e o PS têm praticado em sucessivos governos, com os resultados negativos que todos conhecemos para os portugueses e para Portugal, criar as condições e contribuir para uma verdadeira alternativa de esquerda só possível com o reforço da influência política e eleitoral do PCP. Afastar Santana Lopes e Paulo Portas do governo do País e mudar de política é pois a principal preocupação dos comunistas no momento presente.

3. Por outras palavras: com a saída de Carlos Carvalhas e a entrada de Jerónimo de Sousa, o PCP vai mudar e, se sim, em que aspectos?

O papel da personalidade na história, não podendo ser ignorado, depende em primeiro lugar das circunstâncias concretas e do momento em que é chamado a exercer-lo. O PCP não vai mudar o seu ideal comunista, não vai mudar a sua ideologia materialista e dialéctica, logo anti-dogmática e virada para as novas realidades consubstanciada no conceito marxismo-leninismo, não vai mudar a sua identidade e natureza de classe de partido da classe operária e de todos os trabalhadores, não vai trocar os seus métodos de trabalho colectivo pela fulanização e assumpção exacerbada de poderes de uma só pessoa como se verifica na generalidade dos outros grandes partidos. O que mudou foi o seu Secretário Geral e naturalmente que Jerónimo de Sousa tem a sua identidade própria que naturalmente marcará a sua forma de intervir na exposição e defesa das orientações do Partido.

4. Um dos traços marcantes deste XVII Congresso foi a profunda renovação dos órgãos dirigentes do PCP. Que significado tem essa mudança?

Não foi apenas uma profunda renovação. Foi também um profundo e audaz rejuvenescimento que mostra que o PCP não só acredita e aposta nos jovens como conta com um amplo colectivo de jovens com qualidades e capacidades para assumir, em conjunto com outros camaradas mais experientes, as mais elevadas responsabilidades na sua Direcção. É uma mudança que seguramente irá aumentar o desespero e inquietação de todos aqueles que decretam de Congresso para Congresso o fim, mais ou menos próximo, deste grande partido que é PCP.

5. Como avalia as críticas surgidas no XVII Congresso à orientação do PCP, nomeadamente as de Lopes Guerreiro, um quadro do Alentejo? Concorde com as propostas que ele faz?

O direito à crítica é um direito inalienável que os Estatutos do PCP consagram a todos os membros do Partido. As críticas feitas nos organismos e organizações do Partido merecem-me todo o respeito independentemente de estar ou não de acordo com elas, com a sua justeza e fundamentação. As críticas, e sobretudo o criticismo e os comportamentos e atitudes de alguns membros do Partido, fora do quadro do normal funcionamento do Partido e em clara ruptura com este merecem-me a mais viva condenação. Fazer propostas é outro direito normal e inalienável de todos os membros do Partido cabendo ao colectivo partidário apreciá-las, aprová-las ou rejeitá-las. Penso que as expressivas votações do XVII Congresso respondem melhor do que eu à questão colocada.

6. A pergunta inevitável: por que razão saiu o José Soeiro do Comité Central do PCP?

Quanto à minha saída do Comité Central gostaria de sublinhar o que considero essencial. Primeiro que saí por decisão própria, há muito tomada, que só não se concretizou no XVI Congresso para não alimentar especulações e salvaguardar os interesses do meu Partido que era, é e continuará a ser o PCP. Segundo que a minha decisão não tem por base quaisquer divergências políticas ou ideológicas e que não saio para virar costas à luta e ao trabalho que temos pela frente. Terceiro estive no Comité Central durante 25 anos consecutivos, 20 dos quais nos seus organismos executivos, pelo que, se outras razões não houvessem, esta seria suficiente para justificar a minha saída e dar lugar aos novos. E mais não digo porque é meu entendimento que as questões da vida interna do meu Partido não são para discutir na praça pública e nos meios da comunicação social mas sim nos organismos e organizações do mesmo.

7. A imprensa, na divisão que faz entre «ortodoxos» e «renovadores», coloca-o a si, agora, nos «renovadores» ou pelo menos contra os «ortodoxos»... Isso tem algum fundamento?

As catalogações de alguma comunicação social têm como principal objectivo lançar suspeitas e divisões intoleráveis entre comunistas. Considero um dever de comunista rejeitar em absoluto e combater com firmeza os rótulos e catalogações de qualquer membro do Partido. Por mim já fui rotulado na comunicação social de renovador e de ortodoxo consoante as conveniências do momento dos adversários do meu Partido. Não pauto as minhas posições em função daquilo que me podem chamar mas em função daquilo que é o meu livre pensamento, intervindo em

cada momento da forma que parece mais justa e adequada aos objectivos do meu Partido.

8. Em termos direcção (CC, CP, Secretariado, Comissão de Quadros), como fica agora o Alentejo «representado»? Do Alentejo, quem entrou e quem saiu?

Importa sublinhar que, apesar de entre os critérios de representação no Comité Central também se considerar o regional, não há qualquer atribuição de cotas de representação para as diferentes regiões. Gostaria ainda de deixar claro e valorizar o facto de nenhuma saída de membro do Comité Central de quadros ligados ao Alentejo ter por base divergências ideológicas ou políticas mas tão só a disponibilidade de todos para ceder o seu lugar por forma a permitir a renovação e rejuvenescimento do CC. Isto apesar de muitos deles serem ainda bastantes jovens e de todos eles irem continuar a assumir elevadas responsabilidades e a assumir cargos de relevo na região. Em termos de órgãos centrais do Partido o Alentejo conta no Comité Central com 20 membros dos quais 6 eleitos pela 1ª vez e na Comissão Central de Controlo com um elemento ligado à região que é o meu camarada Abílio Fernandes. Naturalmente haverá que contar com as ligações do Alentejo ao Secretariado e à Comissão Política que deverão ser definidas em breve por estes organismos e que em princípio significarão o reforço deste número. A título de curiosidade devo dizer que entraram para o CC outros quadros, muito jovens, naturais do Alentejo e que até há muito pouco tempo militavam na nossa organização.

9. Com a saída do José Soeiro do CC, que alterações vai haver a nível da direcção do PCP no Alentejo? E para quando serão essas alterações? Nestes anos em que estive à frente do PCP no Alentejo, os comunistas perderam influência – votos, organização – na região... Como avalia essa evolução? Houve erros do PCP?

A alteração é fundamentalmente a do responsável pela articulação da região com a Comissão Política do CC. Naturalmente estamos a considerar quais deverão ser as minhas tarefas e certamente que, no próximo Encontro Regional de Quadros do Alentejo que irá realizar-se já no próximo dia 8 de Dezembro, em Portalegre, já deveremos ter uma proposta concreta que poderá reflectir-se sobretudo ao nível do Executivo da DRA

Quanto à evolução da influência do Partido na região ela não difere da evolução geral do Partido no todo nacional e muitas das razões que lhe estão subjacentes são as mesmas que já tivemos oportunidade de avaliar anteriormente.

Com isto não estou a tentar dizer que não haja também responsabilidades do Partido na situação. É isso que procuramos avaliar nas iniciativas que fazemos para o efeito na região de que são exemplo os Encontros Regionais de Quadros que realizamos anualmente, as Assembleias, Encontros e Plenários das Organizações aos diversos níveis que realizamos com regularidade, procurando aí encontrar respostas e caminhos para inverter a situação negativa que temos vivido há vários anos.

Pensar que nunca se erra e que os erros só estarão nos outros constitui sem dúvida o maior dos erros.

10. O José Soeiro vai continuar a trabalhar no Partido no seu Alentejo?

Claro que sim. Sou membro da Direcção Regional do Alentejo e nela vou continuar. Trabalho é o que não nos falta e o Partido irá continuar a contar comigo como até aqui. Neste aspecto o Alentejo não irá perder pois não só irá contar comigo com maior disponibilidade para dar atenção aos problemas da região como irá contar quase de certeza com um novo camarada da Comissão Política o que irá contribuir para o reforço da DRA no seu conjunto.

11. Como encara as próximas eleições autárquicas? Admite, por exemplo, candidatar-se a uma câmara, à de Beja?

Encaro-as com confiança. Temos provas dadas nos municípios e freguesias onde somos maioria. O trabalho, honestidade e competência dos nossos eleitos e a regra de cumprir os programas que apresentamos continua a ser a marca de água da CDU. Encaramos o poder numa lógica de servir e não de nos servir. Não temos clientelas partidárias. A nossa preocupação são as populações e podemos dizer que o Alentejo em geral e sobretudo os municípios onde somos ou já fomos maioria têm sido os grandes beneficiários da força e influência da CDU no Alentejo.

Vamos naturalmente entrar num período muito exigente do nosso trabalho com a elaboração das listas, a prestação de contas, a elaboração de projectos e propostas e a definição de objectivos a todos os níveis. De qualquer modo na generalidade dos municípios do Alentejo as apostas da CDU serão para alcançar a maioria.

Em relação à segunda questão o que lhe posso dizer é que nunca escolhi tarefas no Partido e que em Beja, pelo muito que temos feito, é para voltar a ganhar.

C.P.

Beja, 29/11/04